

---

## DEPTH PSYCHOLOGY E CLÍNICA DO SENTIDO: ANGÚSTIA, SÍMBOLO E NOVO SER EM PAUL TILLICH

*Depth Psychology and the Clinic of Meaning: Anxiety, Symbol and the New Being in Paul Tillich*

**Daniel Martins Dalpra\***

**Resumo:** Este trabalho investiga a psicologia profunda de Paul Tillich (1886-1965), partindo de seu potencial clínico-psicanalítico, cujo olhar existencial e humanista é capaz de articular temas como angústia, coragem, cura e Novo Ser em diálogo convergente, complementar e por vezes crítico com a psicanálise de Freud e a psicologia analítica de Jung. Argumenta-se que, para Tillich, a cura não se reduz à adaptação ou à eliminação das causas do sofrimento, mas está na integração do ser humano com sua dualidade ontológica – do ser e não-ser. Nesse horizonte, a angústia se torna possibilidade de retomada com o fundamento do ser e do Novo Ser como símbolo de restauração da essência humana, capaz de superar os efeitos subjetivos causados pelas mais diversas formas de alienação.

**Palavras-chave:** Angústia; *Depth psychology*; Fundamento do ser; Novo Ser; Psicanálise.

**Abstract:** This paper investigates Paul Tillich's (1886-1965) depth psychology from the perspective of its clinical-psychoanalytic potential, emphasizing an existential and humanistic approach capable of articulating themes such as anxiety, courage, healing, and the New Being in a convergent, complementary, and at times critical dialogue with Freudian psychoanalysis and Jungian psychology. It argues that, for Tillich, healing is not reducible to adaptation or to the elimination of the causes of suffering, but is in the integration of the human being with their ontological ambiguity – being and non-being. This way, anxiety becomes a possibility for reconnection with the ground of being and the New Being as a symbol of the restoration of human essence, capable of overcoming the subjective effects caused by various forms of alienation.

**Keywords:** Anguish; *Depth Psychology*; Ground of being; New Being; Psychoanalysis.

---

\* Bacharel em Administração de Empresas (FACSUM). Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutorando em Ciência da Religião (UFJF). Bolsista da CAPES. E-mail: [danielmdalpra@gmail.com](mailto:danielmdalpra@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4423824458892001>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-8429-608X>.

---

## Introdução

O tratamento psicanalítico não se limita à eliminação dos sintomas psíquicos. Esse olhar se faz presente, por sinal, na psicanálise de Sigmund Freud e na psicologia analítica de Carl Gustav Jung assim como em outras psicologias profundas como a tillichiana, por exemplo. Quanto aos sintomas psíquicos, os mais conhecidos – por sua vez, notabilizados pelos estudos de Freud e reproduzidos pelos seus sucessores – seriam os da ordem das neuroses como as fobias, histerias e neuroses obsessivas. Tillich, em sua *depth psychology*, segue nas esteiras de Freud e Jung no que diz respeito a um olhar menos patologizante do sofrimento psíquico e, portanto, mais sensível à condição existencial marcada pela angústia.

Freud e Jung, no decorrer de suas pesquisas – cada um ao seu modo –, verificaram que os sintomas psíquicos não seriam possíveis de serem eliminados. Assim sendo, tanto para a psicanálise quanto para a psicologia analítica, ficou afastada a possibilidade de as neuroses equivalerem a doenças no contexto da medicina tradicional. Para as psicologias de Freud e Jung, as neuroses seriam, em última instância, modos de ser e estar que o indivíduo encontra para poder existir socialmente. Existência esta, por sua vez, pautada pela condição social demandante da renúncia dos impulsos sexuais, a qual, de acordo com a perspectiva freudiana, trouxe a compreensão do sofrimento psíquico como sendo o retorno do recalcado, por sua vez, como manifestação sintomática.

Tendo por base a observação freudiana sobre a própria existência do inconsciente – como reservatório das pulsões –, Jung e Tillich trarão compreensões diferentes, mas não a ponto de torná-las equidistantes da de Freud sobre essa instância. Em comum, para os três pensadores, não se objetiva que o indivíduo se ajuste plenamente às normas sociais ao assumir esses contratos. Por outro lado, também não é defendida uma saída do conflito por meio de uma transgressão da moral; o que seria potencialmente perigoso tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. Para essas psicologias profundas, a solução se volta para o desenvolvimento das capacidades humanas no sentido de tornar conscientes as origens desses conflitos. Desse modo, o tratamento terapêutico consistiria na possibilidade do indivíduo ser capaz de reconhecer o seu lugar e na participação de seus próprios conflitos, conseguindo, com isso, reduzir o impacto do sofrimento psíquico causado pela angústia – e suas formas –, favorecendo a reorganização de suas relações internas e, conseqüentemente, relações com o outro.

Apesar das principais influências já apresentadas aqui da psicanálise e da psicologia analítica, a *depth psychology* absorve uma terceira que seria a da psicologia humanista<sup>1</sup>. O humanismo, no olhar de Tillich, incide com mais efeito na ontologia em sua psicologia profunda, por constatar a essência humana como sendo dotada de um princípio unificador da realidade humana que se encontra latente no indivíduo<sup>2</sup>. Para Tillich, o princípio não comunica a ideia de um despertar de consciência superior do ser humano. Especificamente no sentido da cura em sua *depth psychology*, o princípio consiste em uma função do espírito humano a qual possibilita uma integração do eu com o *fundamento do ser*.

Nesse contexto, a pergunta pelo sentido existencial torna-se inseparável da pergunta pela cura que, nos termos tillichianos, não se limita ao estado de plenitude física como assim o era nos quadros da alopatia de seu tempo. A saúde corresponde à cura, sendo esta o resultado da integração do ser humano em níveis espiritual, existencial e essencial (o *fundamento do ser*). Dessa forma, o texto, inicialmente (i) desenvolve a noção tillichiana de angústia como horizonte do tratamento, (ii) examina a noção de inconsciente na *depth psychology* como profundidade humana, (iii) discute a importância e a diferença entre símbolo e palavra e quais suas relações com a preocupação última, e, por fim, (iv) articula a coragem de ser na passagem para o Novo Ser.

## 1. Angústia como horizonte de tratamento

Para a psicanálise, o sofrimento psíquico contemporâneo apresenta-se, cada vez mais, sob a forma de um mal-estar de origem complexa cuja causa, em última análise, se

---

1 No início dos anos 40 do século XX, já residindo e lecionando nos Estados Unidos, Paul Tillich se colocou em diálogo constante com a psicologia e a psicanálise humanistas estadunidenses. Entre os anos de 1941 e 1945, ele foi considerado como uma das figuras centrais do *New York Psychology Group*: grupo este formado por intelectuais com as mais variadas formações e áreas de pesquisa ligadas às ciências humanas. Esses pensadores e pensadoras se reuniam para discutir um tema fixo por ano relacionado à psicologia com questões e temas existenciais.

2 Tillich distingue em quatro níveis a tratativa dos conceitos ontológicos em seu pensamento, sendo eles: “(1) a estrutura ontológica básica, que é a condição implícita da questão ontológica; (2) os elementos que constituem a estrutura ontológica; (3) as características do ser, que são as condições da existência; e (4) as categorias do ser e do conhecimento. Cada um desses níveis requer uma análise especial”. Paul Tillich, *Teologia sistemática* (São Leopoldo: Sinodal, 2005), 174. Considerando, ao mesmo tempo, a complexidade e a recomendação do autor no sentido de uma maior atenção no estudo de sua ontologia, este texto não se propõe a explorar profundamente o conceito. Seu objetivo, em vista da ontologia tillichiana, se concentra na subjetividade humana de acordo com a *depth psychology*. Sendo assim, trataremos de ontologia de forma geral e em vista dos aspectos subjetivos ligados ao ser humano, mas sem desviarmos da importância que Paul Tillich confere ao referido conceito.

---

relaciona à má relação do sujeito com a angústia. A angústia, diferentemente da ansiedade – cujo sofrimento é assinalado pela perda ou indisponibilidade de um objeto real ou mítico – é sem objeto. Em vista dessa condição intrincada marcada por uma falta impreenchível que atravessa a subjetividade, as origens desse mal-estar são resultantes de uma má relação do indivíduo com a angústia enquanto presença dessa falta.

Verifica-se que essa categoria de mal-estar trazida pela angústia está atribuída a uma questão não objetiva – portanto, existencial – que vai além das categorias tradicionais da psicopatologia nas quais o diagnóstico e os psicofármacos seriam, via de regra, capazes de trazer uma solução imediata para a eliminação de uma doença. A angústia, portanto, escapa à categoria de patologia. Embora as soluções apresentadas pela psicofarmacologia possam ser de grande auxílio em casos de acometimentos severos de ordem psicológica e emocional, os melhores resultados virão quando um processo terapêutico for igualmente observado no tratamento do indivíduo. Fora isso, a medicalização tem sido tomada como uma espécie de *habitus* sociocultural que abrange certas práticas que visam a alienação do sujeito à substância, desprezando e apartando o indivíduo de sua condição existencial e da importância ligada aos afetos que o constitui. Pois, para Tillich, a alienação, em um sentido amplo, provoca um ceticismo cognitivo por conta da falta da lei e do amor.<sup>3</sup>

Assim, a angústia é estrutura constitutiva da existência na finitude. Ela não representa a falta de algo ou de alguma coisa que o indivíduo algum dia teve ou acredita ter tido. Em termos tillichianos: o sentimento de desconforto ocorre no indivíduo quando ele se dá conta da presença ameaçadora do não-ser. Nas palavras do autor:

A percepção da ameaça do não-ser é a angústia. É especialmente importante distinguir, no caso da angústia, o objetivo psicológico e existencialista do uso do termo. Angústia, diferentemente do medo, pode ser observada tanto em animais quanto no ser humano. É um estado de antecipação da negatividade sem caráter definido e, portanto, sem possibilidade de lidar com ela em um encontro direto. [...] É característico da angústia não ter um objeto definido o que permite a ela se tornar um conceito central do existencialismo. A angústia é a percepção da ameaça do não-ser enquanto tal – sem qualquer objeto definido que crie a ameaça.<sup>4</sup>

---

3 Tillich, *Teologia sistemática*, 162.

4 Paul Tillich, “The Nature and the Significance of Existentialist Thought” (1956), in *Main Works/Hauptwerke*. Band 1, *Philosophical Writings*, ed. Gunther Wenz (Berlin/New York: de Gruyter, 1989), 407–408: “The awareness of threatening non-being is anxiety. It is especially important to distinguish in the case of anxiety the objective-psychological and the existentialist use of the term. Anxiety, as different

---

Embora o tema do texto não esteja concentrado na discussão sobre a medicalização e sua relação com a *depth psychology*, o recorte trazido anteriormente é um exemplo prático que sublinha a tendência do ser humano – mais agravada ainda na contemporaneidade – de mitigar a importância dos sentimentos e afetos difusos, em que a fuga do conflito é tomada como sendo algo mais prático e objetivo. Todavia, essa tendência, na observação do autor, não é a todo instante característica do ser humano. Para Dourley, Tillich acredita que o ser humano se separou de seu vínculo com a natureza e, por conta disso, se perdeu do Logos – que, algumas vezes, é entendido como sendo as profundezas da razão. Ao distanciar-se deles, o resultado foi uma superficialidade, ausência de profundidade, além de uma degradante perda de substância e significado.<sup>5</sup>

Como já enfatizado pelo autor, a angústia, por não possuir objeto determinado, expressa a experiência radical da finitude. Essa característica, por sinal, compartilhada pela psicanálise, melhor alinha a compreensão da distinção do sofrimento provocado pela angústia e o acometido pelas neuroses.<sup>6</sup> Essa distinção se dá pela importância existencial conferida por Tillich à angústia, e ele o faz no sentido ontológico: pois ela surge no ponto em que a existência percebe sua finitude. Ou seja, na fronteira existencial dada à exposição do indivíduo ao nada, mas também à culpa e à possibilidade da morte. Assim, difere-se da neurose, cuja causa é oriunda de uma experiência traumática com o outro.

Essa seria, para a *depth psychology*, a angústia do destino e da morte. Segundo Tillich, essa angústia é aquela causada pela ameaça do não-ser e é a que toma o indivíduo quando ele se dá conta das contingências de sua finitude: a velhice, a doença e a morte.<sup>7</sup> Desse modo, o medo seria a sensação que melhor definiria essa forma de angústia a qual acomete o indivíduo em relação àquilo que escapa ao seu controle e o expõe à vulnerabilidade do acaso. Sendo assim: “Contingente não significa casualmente

---

from fear, can be observed in animals as well as in man. It is a state of anticipation of a negativity without a definite character, and therefore without the possibility of dealing with it in a direct encounter. [...] It is the character of anxiety as having no definite object which enables it to become a central concept of existentialism. Anxiety is the awareness of the threatening non-being as such-without any definite object which creates the threat”.

5 John P. Dourley, *The Psyche as Sacrament: A Comparative Study of C. G. Jung and Paul Tillich* (Toronto: Inner City Books, 1981), 69.

6 Em vista de sua aproximação com a psicanálise, verifica-se que a *depth psychology* ofereceria uma análise potencial sobre o sofrimento psíquico causado não em relação às neuroses somente, mas também às psicoses. Desse modo, seria um exame possível em relação aos incômodos provocados pelos sintomas de ordem das neuroses e psicoses – e não sobre estas enquanto estruturas clínicas psicanalíticas. Todavia, esse movimento não será possível neste momento para que o texto não se desvie de seu objeto que é a angústia.

7 Paul Tillich, *A coragem de ser* (São Paulo: Recriar, 2025), 70–72.

---

indeterminado, mas significa que as causas determinantes da nossa existência não têm necessidade última”.<sup>8</sup>

Além dessa forma de angústia, Tillich, em sua obra *A Coragem de Ser*, identifica outras duas formas pelas quais o não-ser se anuncia ao ser humano. A angústia do vazio e da falta de sentido é aquela que leva o ser humano a refletir sobre o sentido da existência. Uma angústia existencial – no sentido poético do termo – na qual permeia o melancólico. Essa forma de angústia indica uma perda, mas não de um objeto. Para Tillich, o que se perdeu foi um centro espiritual, “a perda de uma *preocupação última*, de um sentido que dá significado para todos os sentidos”.<sup>9</sup> Percebemos que a angústia do vazio e da falta de sentido a aproxima do sofrimento angustiante do indivíduo depressivo, em vista dos conteúdos trazidos pelo discurso que aponta para um profundo esvaziamento onde antes havia um preenchimento. Esse estado de acometimento psíquico, provocado pela angústia, não possibilita ao indivíduo nomear os motivos ou razões de tal mudança e nem mesmo saber por que ele perdeu esse sentido.

Por fim, eis a angústia da culpa e da condenação que se origina dos conflitos internos de ordem moral do indivíduo. Geralmente, é aquela que acomete o indivíduo que acredita ter falhado em seu compromisso espiritual ou ético, em que a consciência da falha acompanha o medo por uma punição a ocorrer – no caso a da ameaça do não-ser. Observa-se que se trata de uma angústia neurótica clássica na psicanálise freudiana, na qual a ameaça da castração, para o neurótico obsessivo, origina-se ora da consideração da possibilidade de infringimento da lei de interdição ora do ato já consumado. Como afirma Tillich:

O não-ser ameaça de um terceiro lado; ele ameaça a autoafirmação moral do ser humano. O ser do ser humano, tanto ôntico quanto espiritual, não é apenas dado a ele, mas também exigido dele. Ele é responsável por isso; literalmente, ele é obrigado a responder, se lhe for perguntado, o que ele fez de si mesmo. Aquele que lhe pergunta é seu juiz, ou seja, ele próprio, que, ao mesmo tempo, se opõe a ele.<sup>10</sup>

Desse modo, o conflito provocado pela angústia da culpa e da condenação tem a ver com uma liberdade desejada pelo ser humano, entretanto impossibilitada de ser experienciada por conta da não autoafirmação. O indivíduo não pode afirmar-se por conta de um receio à liberdade que, por sinal, está ligada à finitude humana. Nesta, a

---

8 Tillich, *A coragem de ser*, 71.

9 Tillich, *A coragem de ser*, 73.

10 Tillich, *A coragem de ser*, 76.

possibilidade do libertar-se pressupõe uma mudança de atitude do indivíduo em relação ao seu desejo no qual abdica-se da autorização do outro para a abertura à autoafirmação. Assim, Tillich ratifica que:

O ser humano é essencialmente “liberdade finita”; liberdade não no sentido de indeterminação, mas no sentido de ser capaz de se determinar por meio de decisões no centro de seu ser. O ser humano, como liberdade finita, é livre dentro das contingências de sua finitude.<sup>11</sup>

Por mais que a possibilidade de aquisição da consciência de finitude se relacione com o processo terapêutico, esse caminho se constitui a partir do instante em que o ser humano opte por escolhas para ele tornar a ser quem ele potencialmente é. A questão em jogo não é tratar da angústia enquanto uma barreira a ser superada, mas sim do ser humano ao adquirir essa consciência, ser capaz de descobrir a forma pela qual o não-ser o ameaça. Nesse sentido, a clínica da *depth psychology* se estrutura para escutar essas ausências a ponto de possibilitar o indivíduo a (re)conhecê-las, se se tratam daquelas ligadas a possibilidades, perdas e culpas.

Paul Tillich, em sua psicologia profunda, ao examinar a angústia em três formas pelas quais elas participam na existência, tal abordagem não diz respeito a uma tentativa sua de estabelecer algo próximo da psicanálise freudiana sobre as estruturas clínicas. Estas, diga-se de passagem, são definidas nas condições pelas quais a criança atravessou a fase edípica, onde um fator de negação – ou interdição, nos termos psicanalíticos – permeia as estruturas clínicas freudianas.<sup>12</sup> Para a *depth psychology*, a angústia não é uma angústia de castração, e o fator de negação do afeto que prepondera na psicanálise se reflete de outro modo na psicologia profunda tillichiana. A angústia é um indicativo

---

11 Tillich, *A coragem de ser*, 76.

12 O fator de negação, nesse exemplo trazido, implicaria nos modos pelos quais a criança passou pelo Complexo de Édipo, conforme verifica-se na psicanálise freudiana. “O complexo de Édipo é a representação inconsciente pela qual se exprime o desejo sexual ou amoroso da criança pelo genitor do sexo oposto e sua hostilidade para com o genitor do mesmo sexo. Essa representação pode inverter-se e exprimir o amor pelo genitor do mesmo sexo e o ódio pelo sexo oposto”. Élisabeth Roudinesco and Michel Plon, *Dicionário de Psicanálise* (Rio de Janeiro: Zahar, 1998), 166. Embora o exemplo trazido pelos autores aborde o complexo de Édipo na direção do desenvolvimento da sexualidade infantil, ele reflete a posição do indivíduo em relação à lei simbólica. Nesse caso, o fator de negação se faz presente, pois a lei se relaciona com o desejo sexual ou amoroso em relação à figura paterna ou materna e que tem por propensão a criança passar pela rejeição. Isso resulta, respectivamente, no recalque para o neurótico que aceitou a castração simbólica; na negação para o psicótico que não passou pela castração; e no desmentido para o perverso, para quem a castração, por mais que tivesse sido percebida por ele, não surtiu o efeito esperado – isto é, o recalque –, como no caso do neurótico.

---

daquilo que o não-ser nega, e a dependência que o constitui resulta no sofrimento. Segundo o autor:

O não-ser é dependente do ser que ele nega. “Dependente” significa duas coisas. Ele aponta, antes de tudo, para a prioridade ontológica do ser sobre o não-ser. O próprio termo não-ser indica isso, e é logicamente necessário. Não poderia haver negação se não houvesse nenhuma afirmação precedente a ser negada.<sup>13</sup>

Apesar das diferenças entre a *depth psychology* e a psicanálise, elas não são excludentes e podem ser complementares. O tratamento desses conflitos privilegia o indivíduo como sujeito histórico e também existencial. Desse modo, tanto as possibilidades de escolhas quanto as condições do ser humano poder determinar-se existencialmente perpassam a angústia. E a depender da relação de dependência estabelecida por parte do indivíduo com a sua finitude determinará o modo como ele se relacionará com os três tipos de angústia na *depth psychology*.

Sem desprezar ou até mesmo diminuir os impactos visíveis e subjetivos causados pelo sofrimento psíquico, bem como dos diversos mal-estares que afetam o indivíduo, tanto no corpo quanto psiquicamente, a dor aponta para uma crise ainda mais fundamental: a perda ou o enfraquecimento da relação do ser humano com o fundamento do ser. Um fundamento que é, antes de tudo, uma essência que, por sinal, encontra-se localizada na profundidade ontológica. Profundidade esta que, no pensamento tillichiano, compreende também o inconsciente, sendo este um tema fundamental e inesgotável se tratando das psicologias profundas. Porém, para a *depth psychology*, o inconsciente não se restringe a uma instância psíquica, pois é nessa profundidade que o ser participa ontologicamente.

## 2. O inconsciente como profundidade humana

Diferentemente das duas principais tradições da psicologia profunda, o inconsciente, na *depth psychology* não se concentra na dimensão topológica tão cara a Freud e Jung. Apesar das vastas considerações e importâncias dadas aos conflitos entre o consciente e o inconsciente em suas reflexões, para Tillich, conserva-se a noção de profundidade a nível ontológico, ligada ao inconsciente. Nesse sentido, destaca-se uma

---

13 Tillich, *A coragem de ser*, 68.

---

observação trazida pelo autor na qual sustenta que a profundidade do ser, por sinal, é dotada de potencialidade. “O inconsciente é mera potencialidade, e não se deveria representá-lo à imagem do real. As outras descrições daquilo ‘que ainda não tem ser’ devem ser interpretadas da mesma forma, isto é, analogamente”.<sup>14</sup>

A observação de Tillich permite observar que a *depth psychology* também não se distancia da psicanálise no contexto terapêutico sobre a liberdade que o indivíduo teria para nomear suas experiências. Nesse caso, a analogia não seria, pois, um dos recursos psicanalíticos que o indivíduo estabelece, a partir da livre associação de ideias, no sentido de comparar experiências vividas e até mesmo cotidianas?<sup>15</sup> E não seria por meio desse esforço que lhe ocorreria a possibilidade de ele poder lidar com as experiências indizíveis – nesse caso, as traumáticas –, com aquilo que lhe seja acessível conscientemente por meio da linguagem, ou seja, de acordo com o seu repertório vocabular?

Além dessa reserva, o inconsciente, enquanto mera potencialidade, consiste em uma percepção distinta por parte de Tillich em relação à de Freud. Para o teórico da *depth psychology*, a profundidade humana é uma potencialidade pelo fato de oferecer condições para o indivíduo reestabelecer sua saúde por meio da integração do seu ser. Entretanto, esse processo será abordado mais adiante. De acordo com a psicanálise, o inconsciente é uma instância psíquica que surge a partir do evento do primeiro recalque que se dá na fase edípica ou fase fálica. O recalque corresponde aos conteúdos psíquicos – como afetos e representações – cujos conteúdos foram rejeitados pela consciência, estando, portanto, impedidos de emergir à consciência por efeito da repressão<sup>16</sup>.

Já a psicologia analítica oferece uma compreensão menos pulsional do que a psicanalítica, na qual o inconsciente é individual e coletivo e definido como sendo um campo formado por arquétipos que atuam nesses dois níveis como padrões de comportamento que moldam aspectos singulares ligados à personalidade. Seguindo esse raciocínio, o psicólogo junguiano e pesquisador da *depth psychology*, John Dourley, indica convergência nas perspectivas de Jung e Tillich sobre a presença de um Deus oculto no inconsciente, convergindo para um aspecto caro à *depth psychology*: o senso do divino no ser humano surge a partir de sua profundidade. Os teóricos assentem que esse Deus

---

14 Tillich, *Teologia sistemática*, 189.

15 A associação livre de ideias observa à regra fundamental da psicanálise enquanto recurso possível para fazer surgir as resistências e, dessa forma, produzir o material a ser interpretado. Élisabeth Roudinesco and Michel Plon, *Dicionário de Psicanálise*, 650.

16 Conforme a psicanálise, a repressão é uma força inconsciente que consiste na conservação do material recalqueado, interdito conscientemente de emergir à consciência. Esses afetos, para Roudinesco e Plon, seriam conteúdos desagradáveis suprimidos pela consciência. Élisabeth Roudinesco and Michel Plon, *Dicionário de Psicanálise*, 659.

---

oculto opera na profundidade do inconsciente, e por mais que se manifeste na consciência humana de forma dolorosa, vitaliza e promove um movimento de equilíbrio e revitalização da vida como força de integração e orientação existencial (DOURLEY, 1981, p. 9).<sup>17</sup> Sobre os efeitos e a importância dessa dualidade na profundidade humana, Dourley afirma:

Tanto Tillich quanto Jung entendem o *self* como aquela força centralizadora de dentro da psique que reúne os opostos ou polaridades, cuja interação dinâmica constitui a própria vida. Para Jung, as maiores dessas polaridades são a consciência e o inconsciente. A natureza dessas polaridades, quando funcionam em reciprocidade criativa, é a de produzir um centro da personalidade, um *self*, que não é nem o ego e nem o inconsciente, mas sim o produto desse casamento ou união.<sup>18</sup>

Mesmo bebendo dessas que seriam as fontes principais de base de sua psicologia profunda, considerando as influências da psicologia humanista estadunidense – que, por sinal, contribuirão para a teoria do inconsciente da *depth psychology* –, convém salientar que o inconsciente assume mais uma dimensão ontológica do que psíquica nos termos psicanalíticos. Ele expressa uma região cuja profundidade não é assinalada por seu caráter ambivalente em comparação às regiões mais superficiais da alma humana. Dessa forma, Tillich atribui à psicologia do profundo o mérito de ter superado o dualismo da relação natureza-espírito, possibilitando-a “descrever a condição existencial do ser humano, alienada da sua natureza essencial, e os sintomas dessa alienação”.<sup>19</sup>

A diferença fundamental entre Tillich e a psicanálise é a fonte da cura. Na psicanálise, a cura vem da reconciliação entre partes fragmentadas

---

17 Dourley, *The Psyche as Sacrament*, 9.

18 Dourley, *The Psyche as Sacrament*, 17: “Both Tillich and Jung understand the self to be that centering force within the psyche which brings together the opposites or polarities, whose dynamic interplay makes up life itself. For Jung the greatest of these polarities are consciousness and the unconscious. The nature of these polarities, when functioning in creative reciprocity, is to produce a centre of the personality, a self, which is neither the ego nor the unconscious but the product of their marriage or union”.

19 Etienne Alfred Higuët, “Saúde, doença e cura no pensamento de Paul Tillich: reflexões teológicas e pastorais,” *Pistis & Praxis* 6, no. 1 (2014): 184. Higuët, ao citar o termo psicologia do profundo, estabelece referência à psicologia profunda de Paul Tillich ou, como a colocamos neste texto, observando o termo original em língua inglesa das obras tillichianas, *depth psychology*. Em uma nota de rodapé, Higuët ainda assinala que é comum observar nos textos de Tillich referências à *depth psychology* como psicologia profunda ou do profundo, ou até mesmo como psicanálise, nesse caso, a de Freud devido a um monopólio de uso do referido termo por parte das escolas freudianas de psicanálise. Cf. Higuët, “Saúde, doença e cura no pensamento de Paul Tillich,” 184.

da personalidade. Em Tillich, a reconciliação, a cura, vem só de um entendimento da existência humana como alienada do Ser verdadeiro, o Ser em si. Esta alienação é a causa subjacente, ou fundamental da destruição, da desintegração, da ansiedade e do medo identificados pela psicanálise. Enquanto a fragmentação devida à experiência pessoal é real, a última fonte desta fragmentação é o conflito entre o Ser e Não-Ser.<sup>20</sup>

Entretanto, se o inconsciente tillichiano é uma dimensão ontológica por se tratar de uma psicologia profunda, de que modo os vínculos entre os aspectos psicológicos e experienciais são estabelecidos? Segundo Farris, além da questão da centralidade humana juntamente com o método da correlação, seriam, segundo o autor, as duas chaves para se compreender a entrada de Tillich no pensamento psicanalítico.<sup>21</sup> Já na percepção de Tillich, no método da correlação, tanto a pergunta – voltada ao existencial, logo, o humano – quanto a resposta – voltada ao teológico em que Deus corresponde à situação humana –, são independentes entre si e, por conta disso, é “impossível derivar a resposta da pergunta ou a pergunta da resposta”.<sup>22</sup> “O ser humano, como ser humano, conhece a pergunta por Deus. Ele está alienado, mas não totalmente separado de Deus”.<sup>23</sup>

Nessa análise, o autor vai em direção à teologia natural onde Deus não deve ser compreendido em uma análise apofática, mas sim universal, enquanto um símbolo do ser-em-si. Essa distinção é uma observação importante se tratando de uma psicologia profunda posto que o símbolo não parte de algo previamente condicionado por meio da linguagem para expressar uma verdade sobre o ser. O símbolo é uma escolha que o ser humano faz para nomear aquilo que nele habita mas que também o transcende.

O método da correlação constitui, nessa análise, o dispositivo conceitual pelo qual o pensador articula as questões existenciais emergentes da situação humana com as respostas simbólicas oriundas da profundidade do ser – do qual o inconsciente participa –, porém, sem reduzi-las a conteúdos psíquicos. Desse modo, a subjetividade participa do fundamento do ser ao mesmo tempo em que interpreta, simbolicamente, suas próprias rupturas e angústias.

---

20 John Farris, “Paul Tillich e a Psicologia,” in *Estudos de Religião: Psicologia, Saúde e Religião em Diálogo com o Pensamento de Paul Tillich*, organized by Etienne Alfred Higuier (São Bernardo do Campo: UESP, 1999), 33.

21 Farris, “Paul Tillich e a Psicologia,” 30–31.

22 Tillich, *Teologia sistemática*, 308.

23 Tillich, *Teologia sistemática*, 309.

---

### 3. Palavra, símbolo e preocupação última

Para Tillich, é por meio do símbolo que a reconciliação do eu com o fundamento do ser torna-se possível. Entretanto, o fundamento do ser é indizível, pois expressa algo sobre o limite e o além da finitude onde até mesmo a resposta Teológica é, a todo o momento, simbólica. Portanto, ela não é descritiva já que remete ao incondicionado, sendo impossível falar sobre o símbolo que ele assume.<sup>24</sup>

Justamente por causa dessa impossibilidade de se falar sobre Deus que Tillich atribui a Deus a função de fundamentar a estrutura de tudo aquilo que é (do ser). Para evitar que a estrutura do ser fosse algo condicionado e, conseqüentemente, sujeito à razão, a ideais culturais e políticos, o fundamento do ser deveria ser algo que o ser humano é incapaz de falar, a não ser de maneira simbólica. Também para evitar que se pense num segundo fundamento para o primeiro (o ser do ser...) até que a linguagem se perdesse nela mesma.<sup>25</sup>

Pode-se afirmar que o símbolo é o que permite ir além das compreensões tradicionais, funcionando como um dispositivo capaz de unir o ser humano e o divino. O símbolo na *depth psychology* assume uma estrutura ontológica de reconciliação – do eu com o ser-em-si –, na medida em que somente por meio dele o eu (finito), marcado pela fragmentação existencial e pela angústia, pode ser reconduzido à profundidade do fundamento do ser. O reconciliar não ocorre algo como uma fusão imediata, nem mesmo uma superação do que é radicalmente distinto ontologicamente. O que ocorre é uma participação paradoxal na qual o eu permanece como está, ou seja, puramente consciente, por não apreender o fundamento como objeto. Entretanto, quando o eu passa a ser afetado pelo fundamento em sua dimensão mais profunda é que ocorre uma outra forma de integração: desta vez, a do consciente com o inconsciente formando o *self*.<sup>26</sup>

---

24 Guilherme Estevam Emilio. “Ser-em-si e símbolo: a forma e a dinâmica da Teologia Sistemática de Paul Tillich,” *Correlatio* 17 (2010): 156.

25 Emilio, “Ser-em-si e símbolo,” 156.

26 Na psicologia profunda de Tillich, o conceito de *self* é específico de seu pensamento e, portanto, se distingue do junguiano, bem como de outras psicologias. O *self*, mais abrangente que o eu (ego), designa a totalidade centrada do ser – ligada aos aspectos consciente e inconsciente – pois estrutura todos os níveis da realidade, atingindo no ser humano sua forma plenamente desenvolvida na autoconsciência onde está o si-mesmo. Tillich, *Teologia sistemática*, 179.

Esse processo implica uma importância de compreensão para a psicologia profunda: o de que a reconciliação vai além de uma adaptação do eu às exigências da realidade ou até mesmo da constituição de um saber sobre si no que diz respeito à aproximação do eu consciente e finito com o ser-em-si por meio do fundamento do ser. Dessa forma, o indizível do fundamento do ser expressa, em última instância, uma condição de possibilidade para o ser humano de compreender aspectos inerentes em sua ultimidade por meio dos símbolos.

Nesse sentido, a importância que Tillich confere ao símbolo revela-se imprescindível em relação à expressão desse fundamento. Tomando a ideia do símbolo como uma palavra, no caso de Tillich, essa palavra seria Deus. Para o autor, a palavra Deus está carregada de símbolos concretos capazes de proclamarem a preocupação suprema humana por conta de algo que toca o indivíduo incondicionalmente como um poder de ser de que todos fazem parte.<sup>27</sup> Essa é a preocupação última que ultrapassa o ser de forma incondicional e, portanto, é a prioridade última do ser humano na construção de um sentido em sua experiência, cujo esforço envidado pelo indivíduo o choca diante da finitude, expondo-o à angústia.

O símbolo representa possibilidade ao indivíduo de referenciar o fundamento do ser de acordo com o seu repertório de linguagem e suas experiências, dentre as quais: a religiosa. Juntamente com o existencialismo que aproxima a *depth psychology* da psicanálise, o olhar teológico de Tillich aprofunda, ontologicamente, a compreensão sobre o indivíduo movido pela sua preocupação última, sendo este o diferencial de seu método. Sendo assim, não há como separar a psicanálise da *depth psychology* e da filosofia e da teologia, pois é notório o interesse mútuo entre o existencialismo e a psicanálise já que ambos estão interessados nas dificuldades existenciais humanas, estas em contraponto às da natureza essencial humana.<sup>28</sup>

E é por conta disso que o símbolo não deve ser tomado de forma objetiva, pois o indizível que ele aponta é também uma forma de evitação que toda tentativa de descrição direta do ser-em-si conduz ao seu condicionamento na finitude. Logo, perder-se-ia então a dimensão e a importância que o símbolo ocupa por submetê-lo às estruturas da razão objetiva, às determinações culturais e às disputas ideológicas que marcam o plano da existência histórica. O símbolo resiste, pois, às vicissitudes, que perpassam a razão humana, a cultura, a ideologia, portanto, à finitude. Ao contrário do que condiciona e perece em algum momento, o símbolo preserva o caráter de transcendência do ser-em-

---

27 Paul Tillich, *Teologia da cultura* (São Paulo: Fonte Editorial, 2009), 62.

28 Paul Tillich, "Psychoanalysis, Existentialism and Theology" (1958), in *The Meaning of Health: Essays in Existentialism, Psychoanalysis, and Religion*, ed. Perry LeFevre (Chicago: Exploration Press, 1984), 134.

si, em distinção com tudo aquilo que sustenta e perpassa o ser sem jamais coincidir com ele.

Porém, não somente o símbolo, mas também a palavra tem poder de cura. Por mais que diga respeito ao símbolo, a palavra responderia de um outro lugar. É por meio dela que certas angústias podem até desaparecer, evitando assim o desespero para o ser humano. A palavra, para a *depth psychology*, não é a de sugestão ou de auxílio de elaboração simbólica, mas sim da palavra que permite construções de novas relações do ser humano na sua existência por conta dos efeitos que ela suscita em seu ser. De acordo com Tillich:

O elemento básico da cultura é a palavra. Palavras e frases libertam do que é meramente dado. Julgamentos separam e conectam; elevam a situação concreta à universalidade no conhecimento e na ação. A palavra é a agente cultural primeira e fundamental; e isso coloca a questão: como a palavra reduz a angústia? A resposta é que a palavra tem poder, tanto psíquico quanto intelectual. Ela tem poder, e toda angústia brota da falta de poder. A palavra bane o caos, a ameaça do não-ser, dentro e fora de si mesmo.<sup>29</sup>

Complementando a importância que Tillich confere à importância da palavra, Higué chama a atenção para a palavra criativa (ou palavra certa) produzida por agências culturais posto que somente ela seria capaz de suplantar o caos e a angústia na existência. Segundo ele:

A angústia é essencialmente uma carência em poder ser: a principal causa da angústia é a consciência da nossa finitude. O que, na cultura, tem o poder de reduzir a angústia é a palavra, pois ela permite superar o caos e a ameaça do não ser, dentro e fora de nós, ao introduzir ordem, sentido, definição e objetividade. A angústia existencial não pode ser removida, pois constitui nosso ser. Contudo, a palavra criativa pode mantê-la dentro de certos limites. Identificando a causa da angústia, a palavra pode transformá-la em medo, e este pode ser enfrentado com coragem. Mas é apenas a *palavra certa* (*right word*) que supera o caos e a angústia. Desesperado de encontrá-la, podemos colocar a nossa

---

29 Paul Tillich, “Anxiety-Reducing Agencies in Our Culture” (1950), in *The Meaning of Health: Essays in Existentialism, Psychoanalysis, and Religion*, ed. Perry LeFevre (Chicago: Exploration Press, 1984), 58: “The basic element of culture is the word. Words and sentences liberate from what is merely given. Judgements separate and connect; they elevate the concrete situation to universality in knowledge and action. The word is the first and basic cultural agency ; this poses the question : How does the word reduce anxiety? The answer is that the word has power, psychic as well as intellectual. It has power, and all anxiety springs from lack of power. The word bans chaos, the threat of nonbeing, inside and outside of oneself”.

---

---

confiança no discurso de sistemas religiosos ou políticos de autoridade.<sup>30</sup>

A palavra criativa transforma a angústia em medo e por conta dessa movimentação, o medo se torna superado pela coragem de ser, e a angústia somente reduzida.<sup>31</sup> Nesse contexto, a psicoterapia é a mais eficaz agência cultural de redução da angústia em relação à adaptação do indivíduo em espaços sociais. Ela teria dois limites: o primeiro pelo fato de ela se concentrar somente no indivíduo e em grupos reduzidos sem se preocupar com interferências no ambiente; e o segundo por não ser capaz de oferecer o poder simbólico para enfrentar a angústia do não-ser, não alcançaria o nível existencial da preocupação última – próprio da religião.<sup>32</sup>

Essas observações apresentadas por Higuét – que, por sinal, se encontram alinhadas com a leitura tillichiana –, elevam a importância existencial e, em consideração ao nível máximo da angústia experimentada – a angústia do não-ser – revela, pois, o limite da psicoterapia – uma referência às psicologias profundas – que têm a palavra como recurso para a cura. Mas e em relação à angústia do não-ser? Por mais que não se possa tratá-la ou curá-la, o que poderia ser feito em relação ao indivíduo? Se a psicoterapia tem os limites bem apontados, quais seriam os da *depth psychology* em relação a isso?

No que diz respeito ao âmbito terapêutico das psicologias profundas, como já apresentado, a palavra é recurso indispensável. Para a *depth psychology*, a palavra possui condições para superar a angústia – não a do não-ser – ligada à finitude. O vazio de sentido e significado que a finitude expressa é transformado pela palavra em medo e, por conta disso, o que foi nomeado pode ser superado pela coragem. A angústia do não-ser, que não se aplica à análise acima, não pode ser atenuada pela palavra, mas sim no nível do símbolo. Seria esse, então, o limite que a angústia expressa entre o que é possível pela palavra criativa com o que é por meio do símbolo.

Dessa forma, no que diz respeito à categoria do símbolo, as agências religiosas poderiam contribuir em relação à redução da ameaça do não-ser, de forma melhor que a psicoterapia? Ou seja, dessas instituições assumirem uma responsabilidade que a psicoterapia não teria – que é a de reconduzir o ser humano à sua preocupação última? Não necessariamente, pois elas ainda conservam uma preocupação institucional que é a da adaptação do ser humano à existência:

---

30 Higuét, “Saúde, doença e cura no pensamento de Paul Tillich,” 175.

31 Tillich, “Anxiety-Reducing Agencies in Our Culture,” 58.

32 Higuét, “Saúde, doença e cura no pensamento de Paul Tillich,” 175–176.

---

Elas preservem e tentam reproduzir os símbolos clássicos da preocupação última do ser humano, especialmente os símbolos de providência, perdão e vida eterna, que possuem um poder redutor da angústia. Mas, muitas vezes, as igrejas oferecem apenas um poder de adaptação ao mundo. Por isso, a mensagem da religião deixou de ser a “palavra certa” para a maioria dos seres humanos no Ocidente cristão.<sup>33</sup>

Entretanto, é a religião – e não as suas agências – que assume uma importância significativa na redução do poder e do efeito da angústia do não-ser no ser humano. Nesse sentido, não é sobre o outro, mas sobre a relação do ser em sua profundidade, e a psicoterapia teria de oferecer um campo no qual o sujeito pudesse suportar a angústia do não-ser sem colapsar no desespero, e para isso o auxiliaria a articular a possibilidade de construção de sentido.

Se os elementos filosófico-existenciais e psicanalíticos seriam aqueles que compõem aquilo que seria a base da psicologia profunda tillichiana, a preocupação última se relaciona, pois, ao teológico. Esse é o terceiro elemento da *depth psychology* inserido por Tillich, pois corresponde ao “elemento de realização, a questão da cura”.<sup>34</sup> O teológico se refere não à cura das doenças agudas, mas sim “à cura dos pressupostos existenciais de toda doença e de toda existência saudável”.<sup>35</sup> O sentido teológico que Tillich coloca é aquele que olha para o que seria a raiz de um problema de saúde, mesmo se tratando daqueles objetivamente verificáveis por aquele que cuida.

Com esse mesmo olhar, a atenção tillichiana se volta à raiz de onde aponta o sentido máximo da existência humana. A preocupação última, nesse horizonte, designa aquilo que reclama o ser (e não o eu) de forma incondicional, atravessando todas as esferas da existência sem jamais se reduzir a uma delas. Desse modo, os símbolos religiosos podem ser compreendidos como um direcionador para aquele cujas preocupações se voltam para o sentido existencial e último da existência. Sobre essa busca, Emílio entende que somente a descrição da realidade é insuficiente para se chegar às preocupações últimas, e que os símbolos, por mais que não respondam objetivamente à questão implícita na finitude, são eles que remetem ao que é do incondicionado.<sup>36</sup>

---

33 Higuét, “Saúde, doença e cura no pensamento de Paul Tillich,” 176.

34 Tillich, “Psychoanalysis, Existentialism and Theology,” 137: “element of fulfillment, the question of healing”.

35 Tillich, “Psychoanalysis, Existentialism and Theology,” 137: “the healing of the existential presuppositions of every disease and of every healthy existence”.

36 Emílio, “Ser-em-si e símbolo,” 166.

---

Por conta de não ser apreendida como objeto de conhecimento – isto é, aquele que é definido pela palavra –, a preocupação última manifesta-se como orientação e como fundamento ao conferir o sentido existencial. Como parte fundamental para se chegar à cura, a *coragem de ser* corresponde ao ato de sustentar o direcionador. Ela consiste numa disposição interna a qual leva o indivíduo a se afirmar em sua própria finitude, mas sem negar o ser nem a presença constitutiva do não-ser, onde a angústia também participa em relação ao ser.

#### 4. Coragem e Novo Ser

É por meio da coragem que o indivíduo encontra a cura ao se deparar com uma parte de uma estrutura não-toda do ser marcada por este caráter ambíguo entre ser e não-ser. Tillich entende que a saúde não faz parte da natureza humana, quer seja como função ou parte. Entretanto, a saúde só faz sentido em relação à doença – o seu oposto –, sendo esta uma deformidade na natureza essencial do ser humano.<sup>37</sup> Higuete ainda assinala que “saúde e doença são conceitos existenciais, que só podem ser compreendidos na base de uma ontologia existencial”.<sup>38</sup> A *coragem de ser* não se afirma na disposição do ser humano de simples enfrentamento em face ao perigo ou força maior do que ele. Nas palavras do teórico da *depth psychology*:

Coragem é autoafirmação ‘apesar de’, isso é apesar daquilo que tende o eu de se afirmar. [...] Pois, se o ser é interpretado em termos de vida, processo ou tornar-se, o não-ser é ontologicamente tão básico quanto o ser. O reconhecimento desse fato não implica uma decisão sobre a prioridade do ser sobre o não-ser na própria fundamentação da ontologia. Falando da coragem como uma chave para a interpretação do ser-em-si, pode-se dizer que essa chave, quando abre a porta para o ser, encontra, ao mesmo tempo, o ser e a negação do ser e sua unidade.<sup>39</sup>

Nessa perspectiva, a passagem ao Novo Ser não ocorre pela superação e nível existencial de uma realidade marcada pela ambiguidade, na qual a afirmação do ser só é possível quando não ocorre uma exigência da eliminação do que causa a sua ameaça. Assim, o processo terapêutico objetiva que o indivíduo seja capaz de perceber a não necessidade dessa ameaça, de modo que ele se dê conta de que essa ambiguidade o

---

37 Higuete, “Saúde, doença e cura no pensamento de Paul Tillich,” 169.

38 Higuete, “Saúde, doença e cura no pensamento de Paul Tillich,” 169.

39 Tillich, *A coragem de ser*, 63.

---

constitui. Dessa forma, é a coragem que possibilita essa aceitação, e a cura não é somente um estado de saúde, mas a condição que confere a autoafirmação no sentido do indivíduo: (i) poder habitar a ambivalência na profundidade do ser e (ii) permanecer no conflito sem que ocorra a desintegração – isto é, a doença. “A coragem é a auto-afirmação do Ser apesar do Não-Ser”.<sup>40</sup>

Em vista da importância que a coragem assume, ela não produz o Novo Ser, tampouco pode ser vista como uma meta terapêutica; ela cria possibilidades existenciais de superação do antigo ser, portanto, aquele que se encontra afetado sintomática e existencialmente. O Novo Ser corresponde ao objetivo final do processo de cura na *depth psychology*. Diferente da integração do *self* – por sua vez, ligado a aspectos da psique –, o Novo Ser consiste na resposta espiritual da união do ser humano com o seu fundamento. Dessa maneira, de acordo com Dourley, o Novo Ser, em Tillich, corresponde à manifestação da humanidade essencial realizada no interior das condições existenciais sem sucumbir à alienação, na qual o ser humano é reconciliado com o fundamento do ser por um acontecimento de graça que o apreende, restaura sua unidade ontológica e reconfigura sua existência sem a necessidade de anulá-la.<sup>41</sup>

Convém reforçar que a análise que Tillich estabelece não se concentra no sujeito de Jesus – o humano –, mas sim em relação ao Novo Ser que ele representa, e tal olhar coaduna com a perspectiva bíblica. Nesses termos, podemos considerar que Cristo ocupa um lugar simbólico no referido conceito, no qual Tillich, por conta de sua formação teológica, o identifica à figura do Novo Ser. Isso porque ele surge no lugar do velho ser, ou seja, o ser alienado, fragmentado e caído; e o símbolo do Cristo representaria, portanto, a cura enquanto o triunfo do si mesmo em relação ao velho ser. Para Tillich, essa análise se relaciona com o processo de ser curado e é apreendido no Novo Ser como o poder de reconciliação e totalidade e é possível somente numa “nova realidade que pode nos tornar completos, rompendo com o velho e reconciliando-o com o si mesmo”.<sup>42</sup>

Nesse sentido, Tillich, como teólogo e ministro religioso, não se afastou dessa sua maneira de realizar uma leitura ontológica associando aspectos singulares divinos encontrados no ser de Jesus, conforme fora descrita ao longo dos livros do Novo Testamento. Entretanto, o autor mostra que não está interessado no sujeito de Jesus ao se ater ao símbolo do Novo Ser que no Cristo se confunde. Um símbolo, portanto, da

---

40 Farris, “Paul Tillich e a Psicologia,” 34.

41 Dourley, *The Psyche as Sacrament*, 73–75.

42 Paul Tillich, *The New Being* (New York: Charles Scribner’s Sons, 1955), 41: “a new reality can make us whole, breaking into the old one, reconciling it with itself”.

---

superação das adversidades máximas da existência que todo ser humano enfrentou ou poderá enfrentar, algumas delas, em algum momento da vida. O ser de Jesus, conforme está na Bíblia, não se reduz a uma análise psicológica sobre seus conflitos internos ou uma descrição do caráter do indivíduo, onde mesmo a angústia que ele enfrentou diante da morte comunica o triunfo de Jesus diante dela e sem esse feito, ele não poderia ser o Messias.<sup>43</sup>

A religião é uma forma de auxiliar o indivíduo a conviver com a dualidade existencial, pois de acordo com o pensamento de “Tillich, a religião não escapa das ambiguidades da vida. Ela é ambígua como toda a vida e está, assim, constituída dos elementos essenciais e existenciais”.<sup>44</sup> O símbolo do Novo Ser é um símbolo religioso, porém, um símbolo que teria de ser ao mesmo tempo divino e humano para que ele (o indivíduo) possa remeter à preocupação última – que é a missão do ser humano. A própria dualidade existencial teria de participar no símbolo que o Novo Ser assume. Entretanto, isso não corresponde a um distanciamento ético da *depth psychology* em relação ao sujeito. Tillich não evade ao olhar psicanalítico como também distingue, do ponto de vista existencial, o universal do singular em uma categoria específica.

Assim como a singularidade humana – que se encontra nas categorias morais e diagnósticas – é valorizada no processo psicanalítico, para o pensador, é através da singularidade do ser de Jesus que se permite distinguir o específico do comum. Ele é a presença do Novo Ser e, como tal, o “poder de ser” que o dota é o poder de resistência ao não-ser, pois Jesus como Cristo é aquele que venceu “a alienação existencial nele e também em todos aqueles que participam dele”.<sup>45</sup> Sendo assim:

A função essencial de Cristo como o Novo Ser é salvar a humanidade de sua alienação e renovar o universo. É em Jesus, confessado como o Cristo que o Novo Ser, no qual é o princípio de transformação de toda a existência histórica e da renovação da criação é manifestado.<sup>46</sup>

Destarte, é no Novo Ser que o ser humano se torna capaz de agir de modo consciente tendo ciência de sua profundidade, onde a ambivalência produz nele um princípio capaz de superar a alienação em todas as suas formas, dentre elas: a própria medicalização da existência. Se a *depth psychology* opera no limiar entre a psicanálise, a

---

43 Tillich, *Teologia sistemática*, 413.

44 Claudio de Oliveira Ribeiro and André Yuri Gomes Abijaudi, “As religiões diante da preocupação última da vida: uma reflexão a partir do pensamento de Paul Tillich,” *Estudos de Religião* 31, no. 3 (2017): 353.

45 Tillich, *Teologia sistemática*, 413–414.

46 Ribeiro and Abijaudi, “As religiões diante da preocupação última da vida,” 366.

---

filosofia e a teologia, seu maior desafio não reside apenas em distinguir palavra de símbolo, ou psicoterapia de religião, mas em preservar o caráter não funcional do fundamento do ser. A cura, para o método tillichiano, não consiste em uma técnica, tampouco método ou uma promessa de eficácia sob pena de se perder exatamente aquilo que a torna possível: dela ser irreduzível ao controle do eu. Nesses pontos fundamentais, a psicologia profunda tillichiana confunde-se, mais uma vez, com a psicanálise.

Como já trazido anteriormente, a *depth psychology* oferece uma crítica implícita às formas atuais de psicologização da existência por insistir que o que chamaremos de sofrimento último – provocado pela ameaça do não-ser – é impossível de ser solucionado pelas ações do outro, por meios objetivos que visam ajustar a subjetividade humana. Ao invés disso, ela é humanista a ponto de reconhecer e favorecer o potencial humano no sentido de superar tais demandas dessa natureza não por imposição, mas por auxiliar o indivíduo a olhar para a sua profundidade como potência e não como contingência.

## Conclusão

O percurso até aqui procurou demonstrar que a *depth psychology*, apesar de suas diferenças bem marcantes, sobretudo aquelas que dizem respeito ao aspecto ontológico em comparação à psicanálise e a psicologia analítica, constitui-se fortemente das tradições freudianas e junguianas. Embora a intenção aqui não tenha sido a de um aprofundamento dessas diferenças e similaridades – quer seja a nível comparativo ou até mesmo histórico – esses movimentos, por mais práticos que possam ter sido feitos ao longo destas linhas, tiveram o objetivo de enfatizar essa dignidade da psicologia profunda tillichiana.

Trata-se de um esforço envidado por muitos autores que se debruçaram no estudo da *depth psychology* como John Dourley, Etienne Higué e James Farris que, em seus textos, onde procuraram enfatizar essa ligação de Tillich com a psicanálise e a psicologia analítica não somente no sentido epistemológico. No sentido psicanalítico, o encontro do autor com as ideias e o método freudiano se deu, também, de modo existencial. Sobre esse último dado, para aqueles que se interessarem, bastaria um olhar mais apurado sobre as fronteiras existenciais de Paul Tillich, apresentadas com o devido cuidado ético nas mais importantes biografias a seu respeito.

Destarte, o objetivo principal, que foi o de apontar o potencial clínico-psicanalítico da *depth psychology*, foi apresentado de modo objetivo até mesmo por se tratar de um esforço inicial deste autor, no sentido de despertar interesse daqueles que desejam realizar um aprofundamento nos estudos psicanalíticos ligados à Paul Tillich no que diz

---

respeito à tratativa dos conflitos existenciais mais profundos, onde angústia, em vez de ser remediada ou compreendida simplesmente como um vazio sem sentido ou função, torna-se a possibilidade única para a integração do ser e não-ser. Promove-se, desse modo, o surgimento do Novo Ser, cujo símbolo Tillich identifica como Cristo, sendo aquele que é capaz de promover a restauração da essência humana, superando o estranhamento (alienação) entre o eu, o si mesmo, o outro e o fundamento do ser. Entretanto, reiteramos a consideração de que o símbolo Cristo possa ser substituído por qualquer outro desde que este represente a capacidade de triunfar sobre a finitude impedindo a ruptura ontológica do ser, superando assim a alienação.

Pôde-se apresentar uma compreensão singular da clínica do inconsciente a *depth psychology* tillichiana que, assim como a psicanálise e a psicologia analítica, é capaz de deslocar o objetivo da cura além do plano da adaptação funcional e comportamental do indivíduo. Tillich trouxe críticas consistentes em relação às tendências de seu tempo – que ainda se repetem na contemporaneidade – ligadas à psicologização da existência e até mesmo àquilo que conduz ainda mais fundo à alienação, que seria a medicalização dela. A clínica da psicologia profunda tillichiana não busca trazer respostas ou propor uma nova ética para o indivíduo. Diferente disso, por ser uma clínica do sentido, é por meio não da intervenção direcionada, mas sim pelo da integração do ser que a abertura de uma nova relação com o fundamento do ser é possível. Relação esta capaz de sustentar a finitude sem o indivíduo ter de sucumbir ao desespero.

---

## Bibliografia

- Dourley, John P. *The Psyche as Sacrament: A Comparative Study of C. G. Jung and Paul Tillich*. Toronto: Inner City Books, 1981.
- Emilio, Guilherme Estevam. “Ser-em-si e símbolo: a forma e a dinâmica da Teologia Sistemática de Paul Tillich.” *Correlatio* 17 (2010): 154–77.
- Farris, John. “Paul Tillich e a Psicologia.” In *Estudos de Religião: Psicologia, Saúde e Religião em Diálogo com o Pensamento de Paul Tillich*, organizado por Etienne Alfred Higué, 27–36. São Bernardo do Campo: UMESP, 1999.
- Higué, Etienne Alfred. “Saúde, doença e cura no pensamento de Paul Tillich: reflexões teológicas e pastorais.” *Pistis & Praxis* 6, no. 1 (2014): 167–88.
- Ribeiro, Claudio de Oliveira, and André Yuri Gomes Abijaudi. “As religiões diante da preocupação última da vida: uma reflexão a partir do pensamento de Paul Tillich.” *Estudos de Religião* 31, no. 3 (2017): 349–75.
- Roudinesco, Élisabeth, and Michel Plon. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- Tillich, Paul. *The New Being*. New York: Charles Scribner’s Sons, 1955.
- . “Anxiety-Reducing Agencies in Our Culture” (1950). In *The Meaning of Health: Essays in Existentialism, Psychoanalysis, and Religion*, edited by Perry LeFevre, 58–67. Chicago: Exploration Press, 1984.
- . “Psychoanalysis, Existentialism and Theology” (1958). In *The Meaning of Health: Essays in Existentialism, Psychoanalysis, and Religion*, edited by Perry LeFevre, 131–39. Chicago: Exploration Press, 1984.
- . “The Nature and the Significance of Existentialist Thought” (1956). In *Main Works/Hauptwerke*. Vol. 1, *Philosophical Writings*, edited by Gunther Wenz, 403–10. Berlin/New York: de Gruyter, 1989.
- . *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- . *Teologia da cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.
- . *A coragem de ser*. São Paulo: Recriar, 2025.